

Pescaria de emoções

Uma viagem
rio acima se
torna uma
experiência
inesquecível

POR BRUCE GRIERSON



- Hoje Rick vai nos levar para pescar!

Vai nos dar uma aula sobre peixes – eu disse.

Madeline, de 5 anos, não parece muito entusiasmada:

- Já sei tudo sobre peixes, papai.

- É mesmo?

- Claro.

- E o que você sabe sobre peixes?

- Precisam comer para ficar fortes e precisam ficar molhados para viver. Nadam de boca aberta e por isso nunca sentem sede.

É, não foi um mau começo.

“Rick” é Rick Hansen, famoso atleta cadeirante. Além do trabalho de angariar recursos para a pesquisa das le-

sões na medula espinhal, ele tem outro, menos conhecido, como fundador da Sociedade de Conservação dos Esturjões do Rio Fraser. Logo iríamos encontrá-lo.

Caminhamos sob chuva em Steveston, na Colúmbia Britânica, oeste do Canadá, e, quando avistamos Rick e o seu barco atracado, Madeline o reconheceu como o “Homem em Movimento” de um dos seus livros infantis. A sua tagarelice habitual sumiu. Em vez de cumprimentá-lo, enterrou o rosto no meu casaco.

Com a cadeira de rodas dobrada e enfiada atrás dos assentos, o rosto corado com o prazer de estar fora do es-

(A partir da esquerda) O guia da pescaria, Fred Helmer, o fotógrafo Quinton Gordon, Rick Hansen, Madeline e seu pai, Bruce Grierson.



critório, Rick nos tirou do porto. E lá fomos nós em busca do mítico esturjão-branco.

O Rio Fraser nasce nas Montanhas

Rochosas e sua passagem revolta por 1.375 km até o mar é um dos marcos tradicionais da província. Rick recordou que, quando menino, na minúscula cidade de Williams Lake, aprendera a história local junto da história do rio e dos seus peixes gigantes. “Simon Fraser, quando aqui chegou, alimentou-se com a carne de esturjão que os aborígenes lhe deram.”

O esturjão-branco é uma espécie tão grande, tão antiga e tão lendária que pegar um deles é uma experiência marcante. Os esturjões que hoje vivem no Rio Fraser são praticamente iguais aos que lá nadavam antes da última glaciação. Não é brincadeira: íamos pescar dinossauros!

Ali no estuário o ar trazia do oceano um gosto salgado. Os pescadores de arrastão içavam as pesadas redes, rebocadores puxavam balsas de serragem, um guindaste baixava nas docas um carregamento de automóveis da Ásia. Um dia ocupado naquele rio fervilhante.

A aventura de hoje seria bem diferente da pescaria com vara de salgueiro e alfinete de fralda que Hansen tentara pela primeira vez quando era pouco maior do que Madeline. Fred Helmer, veterano guia de pesca da Colúmbia Britânica que ia conosco, nos mostrou as varas de alta tecnologia. Já as tinha preparado, todas prontas com as suas iscas de pedaços se-

leccionados de salmão e a especial do dia: um aglomerado de ovas que chamava de “isca mágica”.

Ele afastou as mãos uns 30 centímetros mais ou menos e se virou para Madeline: “De que tamanho é o peixe que você vai pegar?”

Madeline sabia o tamanho exato: 109 centímetros, a altura dela. Pela mesma lógica infantil, o meu teria de medir 175 centímetros.

Mas ninguém levaria o esturjão para o jantar. Duas vezes, no início do século 20, eles foram pescados até quase serem extintos, e, embora tenha sido poupado desse destino, o esturjão-branco é uma espécie protegida. Seus pescadores acompanham a população: para onde os peixes vão, como estão crescendo, que idade têm, quantos existem. Pescam, marcam e soltam. Todos os que pegam um esturjão passam a fazer parte do trabalho de conservação, e, nesse sentido, a contribuição de Madeline, com seus 5 aninhos, é tão valiosa quanto a de qualquer biólogo.

Após uma hora de pescaria infrutífera, tudo mudou. A maré crescente passou a empurrar os barcos rio acima, dando a impressão de que o Fraser corria para trás.

O aroma daquela isca maravilhosa também foi levado pela correnteza. A vara de Madeline se torceu sutilmente. Rick pegou a vara com gentileza, puxou-a com força uma vez e depois a entregou a mim.

Havia um peixe na outra ponta. Parecia grande. E enlouquecido.

“Pois é, Rick tem algumas regras”, disse Fred ao acaso, enquanto eu lutava para manter a linha esticada. “Não se pode largar a vara, aconteça o que acontecer. Se você cair pela lateral do barco, agarre-se à vara. Nós iremos buscá-lo.”

E isso já estava quase acontecendo! Muitas vezes os pescadores novatos tentam ganhar dos peixes pela força. Rick, que tem ombros largos, às vezes consegue, mas, como ele mesmo diz, “a boa técnica sempre supera a força”. Meus braços doíam. Eu tentava me mostrar forte para Madeline e ser o grande e heroico caçador que as meninas esperam que o pai seja,

mas nessa hora já estava tremendo e, francamente, quase em lágrimas.

Então, de repente, ele surge das profundezas: o esturjão de Madeline, tigrado no dorso, com uma cabeça de tubarão e grandes nadadeiras bifurcadas na cauda.

– Qual a atitude mais humana a tomar com esse camarada? – grunhi quando o prendemos ao lado do barco.

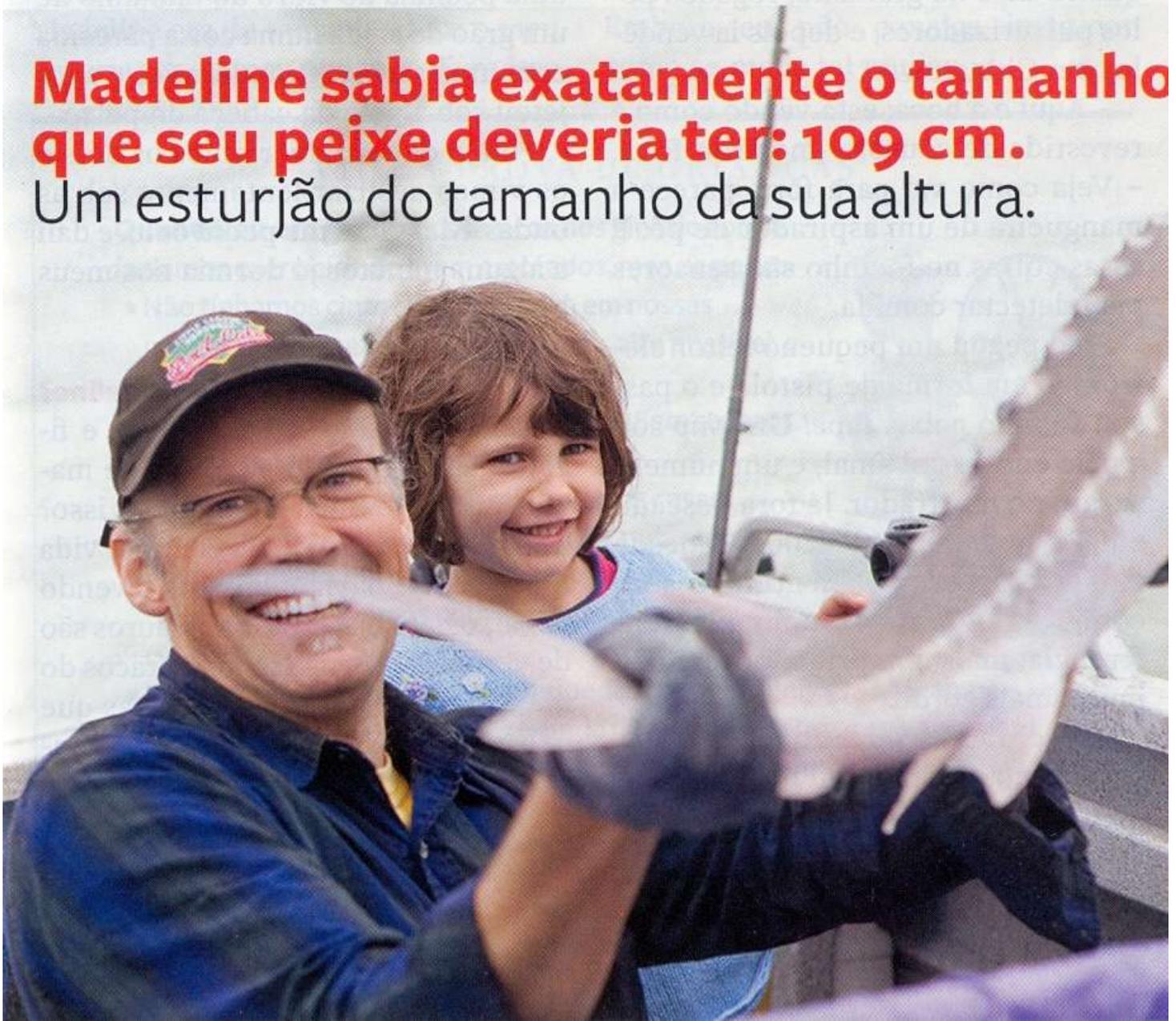
– Mantê-lo na água, relaxado – disse Rick. – Vamos trabalhar.

O peixe flutuava na correnteza.

– Ele está morto? – perguntou Madeline.

– Não, querida. Agora ele não está muito bem, mas logo vai melhorar.

Madeline sabia exatamente o tamanho que seu peixe deveria ter: 109 cm.
Um esturjão do tamanho da sua altura.



Fred guiou o esturjão na água para uma estrutura parecida com uma tipoia e, então, Rick o içou para o barco. Madeline calçou as luvas. Foi até o seu peixe. Parecia mais uma criatura pré-histórica com o corpo blindado do que um peixe. As guelras se abriam e fechavam, o vermelho-púrpura faiscando por baixo. Madeline acariciou suavemente a pele áspera como lixa.

- Os esturjões têm uma resistência incrível - explicou Rick para nos tranquilizar.

- Na época em que era permitido pescar e levar os esturjões - acrescentou Fred -, meu pai os deixava três ou quatro dias no gramado, regados pelos pulverizadores, e depois ia vendê-los em Chinatown.

- Aqui é a boca; está vendo como é revestida de couro? - mostrou Rick.

- Veja como vai para fora, parece a mangueira de um aspirador de pó. E essas coisas no focinho são sensores para detectar comida.

Fred pegou um pequeno leitor eletrônico em forma de pistola e o passou sobre o peixe. *Bipe!* Um *chip* sob a pele emitiu um sinal, e um número surgiu no mostrador. Já fora pescado em 22 novembro de 2006 e desde então crescera nove centímetros no comprimento, mas só um na circunferência: mais comprido, porém não muito mais gordo.

Peguei minha filha no colo e a segurei deitada acima do esturjão. Era do tamanho dela. A fita métrica confirmou - menos de um centímetro de diferença.

Então minha mente voltou ao parto no Hospital Saint Paul, no centro de Vancouver, quando Madeline surgira, rosa-acinzentada e pegajosa, e um médico a medira. Ultrapassava a última marcação da régua; estava fora da tabela.

"Você pode acompanhar o seu peixe uma vez por ano", disse Rick a Madeline. Milhares de alunos das escolas da Colúmbia Britânica observam os cardumes de esturjões acompanhando a história de peixes específicos como esse.

Fred trouxe um segundo esturjão para bordo. Nenhum bipe: esse nunca estivera fora d'água. Fred pôs uma pecinha de vidro do tamanho de um grão de arroz numa coisa parecida com uma seringa hipodérmica e a injetou sob a pele da cabeça do peixe.

Pouco depois, libertamos os dois e os vimos deslizar lentamente sob as ondas. Madeline me pediu colo, e dali a alguns minutos já dormia nos meus braços.

Como essa viagem afetou Madeline?

O seu peixe fora tirado d'água e ficara meio sufocado, mas não se machucara. Será que ela entendeu isso? Toda uma subsuperfície cheia de vida foi revelada: havia monstros vivendo debaixo das coisas; os dinossauros são de verdade; os pais são mais fracos do que parecem; um dia as pessoas que existem nos livros, como Rick Hansen, podem sair das páginas e nos levar para pescar...

De repente, minha vara se retorceu. Depois de outra luta monumen-

tal – que iria me fazer dormir durante dias com bolsa de água quente –, eu trouxe o último peixe a bordo. Madeline acordou no meio da luta, com os olhos arregalados, tentando se aproximar sem atrapalhar.

Era um animal monstruoso: 93 centímetros de circunferência – provavelmente com a barriga cheia de salmão. Devia ter entre 60 e 80 anos, a idade dos vovôs e das vovós. Os esturjões podem viver mais de cem anos: com um pouco de sorte, este ainda estará no rio daqui a uma geração. É possível que Madeline o pesque de novo, com seu filho ou sua filha de 5 anos. Num lindo dia de outono como este.

Mas algo não deu certo. O peixe de Madeline era do tamanho dela; o meu deveria ser do meu tamanho. Fora isso

que ela dissera. Por isso, medimos o meu. Do focinho à ponta da cauda, tinha uns 215 centímetros. Madeline se aproximou.

– É do seu tamanho? – perguntou. Fiz que não.

– É maior. – Mas então me deu um estalo: – É do meu tamanho, sim... com você nos meus ombros.

Naquela noite, quando a pus na cama, vendo-a deslizar dos meus braços para os lençóis azuis, pensei: *Agora Madeline me pertence um pouco menos.* Passáramos o dia pescando, só isso. Mas não duvido que crianças e adultos saiam profundamente transformados de experiências como essa. Embora eu não consiga imaginar como se mede tal mudança...

VIDA À PROVA DE CRIANÇAS

Quando eu era garoto, os bancos dos ginásios onde fazíamos exercício não eram estofados, mas de pedra.

- Não tínhamos cintos de segurança em nossas gangorras e a meta era chegar o mais alto possível, e se lançar na estratosfera.
- Andávamos de bicicleta sem capacete. Sem sapatos. E, algumas vezes, até sem roupas.
- Brincávamos em riachos, explorávamos casas abandonadas, saltávamos barrancos, pulávamos em trampolins, misturávamos nossos karts com o tráfego e brincávamos com espingardas de ar comprimido.
- Pulávamos de árvores com paraquedas feitos de lençóis, jogávamos bolas de terra uns nos outros e ainda não existia protetor solar, por isso ficávamos bronzeados. O verão começava oficialmente quando o primeiro garoto aparecia vermelho como um tomate.
- Mas, como medida de segurança, nossas mães nos obrigavam a esperar uma hora depois de comermos antes de ir nadar. *Robert G. Lee, comediante*

